

# ODE À FRONTEIRA OESTE



(JAYME CAETANO BRAUN)



## I

Lendária Fronteira Oeste  
Falquejada a ferro e bala,  
Que em cada marco nos fala  
De fogo e cargas de lança,  
Tu me trazes à lembrança  
O velho Pago abençoado  
Que o Gaucho antepassado  
Nos transmitiu como herança.

## II

Por isso aqui deste cerro,  
Lança cravada no chão,  
Contemplo a extranha vizão,  
Que a luz do poente adelgaça,  
Como uma cinta que abraça,  
Circumdando lado a lado,  
O solo do meu Estado,  
Berço lendário da Raça.

## III

Vejo o chão desta Fronteira  
Remendado ao léu da sorte,  
E olhando de Sul a Norte  
O velho Pampa bravo o,  
Donde o Passado fugiu  
Para uma ausência tão grande,  
E vendo nele o Rio Grande  
Sinto um bárbaro arrepio.

## IV

E no palco das coxilhas  
Revejo passar então  
O Gaucho em formação  
Selvagem, rude e valente,  
Sempre atacando de frente  
No combate desigual,  
Traçando em sangue imortal  
O poema da nossa Gente.

## V

Sem conhecer mais divizas  
Que horizonte e campo nú  
Restinga e sombra de umbú,  
O rancho, a tenda campeira,  
Junto à china companheira  
E a cavallada sem marca,  
O gaucho era um Monarca.  
Não conhecia Fronteira...

## VI

E sem mais preocupações,  
Nesse imenso Paraizo,  
Peleava quando preciso,  
Porque assim se divertia,  
E nessa vida bravía.  
Destemido e resoluto,  
Era o dono absoluto  
Do que no Pampa existia.

## VII

Rude filho do deserto  
Dos grandes centros egresso,  
No mais íntimo recesso  
Eivado de selvagismo,  
Seu único catecismo,  
Honra, culto e devoção,  
Era o amor do Rincão,  
Que amava com fanatismo.

## VIII

Bastou por isso o fantasma  
Dos estandartes de Hespanha  
Anunciarem na campanha  
Um exército invazor,  
Para ao primeiro rumor  
Estar de lança na mão,  
Livrando a profanação  
Da terra em que era Senhor.

## IX

Nunca ninguém se atrevera  
A tamanho sacrilégio,  
No chão que era privilégio,  
Do charrúa e o Guaicurú,  
E onde o Guasca rude e nú  
Já dormia no sarilho,  
Desde o primeiro caudilho,  
Que foi Sepé Tiarajú.

## X

Esquecidos nessa hora  
De lutas pessoais e intrigas,  
Vendo tropas inimigas  
Tomar o Pago de assalto,  
Já desde o primeiro salto  
Se uniram na resistência,  
Porque o apêgo à Querência  
Sempre falava mais alto.

## XI

Das barrancas do Uruguai  
Aos campos do Jaguarão,  
Encharcou-se logo o chão  
De sangue dos estrangeiros,  
Cairam muitos guerreiros  
Mas surgiram as divizas,  
Mal traçadas, imprecizas,  
Do cerne dos entreveiros.

## XII

E ao longo daquelas linhas,  
Entre cruces falquejadas,  
Foram ficando as ossadas  
Do hespanhol adventício  
E o Pago viu em suplício,  
Por dois séculos de horrores,  
O sangue dos invasores  
Manchando o solo patricio.

## XIII

Enquanto a morte voejava  
Nos campos ensangantados  
E assinavam-se Tratados  
De duração transitória,  
Esta linha divizória,  
Riscada a lança e a fogo,  
Foi sempre o trunfo do jôgo,  
Entre a Conquista e a História.

## XIV

Pois a ganância de posse  
Desenfreada e insana,  
Velha ambição Castelhana  
Por estes campos lendários,  
Fez que os Deuses sanguinários,  
Entre anarquia e o desmande,  
Vissem cair no Rio Grande  
Fidalgos e mercenários.

## XV

E assim coxilhas inteiras  
Colorearam, sol a sol,  
Do rubro sangue hepanhol,  
Vindo de plagas alheias.  
Era o Pampa um mar de véias,  
E dessa mescla de morte  
O Guasca surgiu mais forte  
Do verde chão das peléias.

## XVI

Por isso é que ao evocar-te,  
Lendária Fronteira Oeste,  
Aqui do teu seio agreste  
Conclamo esta Geração  
Em pról da libertação  
Econômica e social,  
Que dará ao Homem Rural  
As rédeas do seu Rincão.

## XVII

E a indiada desta Fronteira  
Ha de atender o apêlo  
E apartar logo um Sinuêlo,  
Tudo Pampa, pura flôr,  
Pois essa Tropa primor  
Nos corredores da Glória  
Leva na culatra a História  
E o Rio Grande de fiador.

## XVIII

E bem como seus Maiores  
Na defesa deste Ideal,  
Estará o Homem Rural  
Mudando o curso da História,  
E com eles na memória,  
Que nem o tempo revôga,  
Atará na mesma sóga  
A Liberdade e a Glória...

## XIX

E depois haverá sempre,  
Como nos tempos de antanho,  
O "pingo", a gaita, o rebanho,  
A "Prenda", o Guasca cantor,  
A Liberdade, o Amor,  
Nesta Fronteira de luxo,  
Onde só manda o Gaucho,  
Depois de Nosso Senhor.